

ENTREVISTA

MÁRCIA FRANZ AMARAL

por: Mirian Redin de Quadros



Foto: arquivo pessoal

Márcia Franz Amaral:
*“Um desastre nunca
começa quando eclode”*

Com uma abordagem crítica e abrangente sobre a cobertura jornalística de desastres, a professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Márcia Franz Amaral costuma enfatizar a responsabilidade da imprensa na construção de narrativas que problematizem não somente as consequências imediatas, mas também os diversos aspectos causadores de eventos extremos. Defensora do Jornalismo e de suas potencialidades, a pesquisadora alerta para os constrangimentos políticos e econômicos, somados à precarização das condições de trabalho nas

redações, ao mesmo tempo em que evidencia a relevância da atividade jornalística como força mobilizadora para a mitigação dos acontecimentos catastróficos.

Em entrevista por e-mail a **Radiofonias**, Márcia compartilha suas impressões acerca da cobertura da pandemia do novo coronavírus, aponta caminhos para a prática de um jornalismo mais comprometido com a proteção ao meio ambiente e o combate às desigualdades sociais, além de refletir sobre o importante papel do rádio em coberturas e, principalmente, na prevenção aos desastres.

RADIOFONIAS – Em suas publicações, você salienta a existência de diferentes definições para o que se compreende por catástrofe ou desastre, a depender, principalmente, do contexto histórico ou da fonte de informação. De maneira geral, contudo, acontecimentos catastróficos caracterizam-se por irrupções inesperadas que ferem a normalidade cotidiana, provocando desordens informativas imediatas e uma série de desdobramentos posteriores. Nesse sentido, de que forma podemos definir a atual pandemia de Covid-19, considerando sua irrupção previsível e longa duração, especialmente no contexto brasileiro?

O que chamamos de desastre ou catástrofe é, de maneira geral, tudo o que afeta gravemente nosso entorno e que, na percepção imediata da maioria, é inesperado. Trata-se, na maioria das vezes, da junção de um fenômeno extremo com determinadas vulnerabilidades. Cada desastre eclode de uma maneira muito específica e embora existam aspectos já conhecidos principalmente pelos cientistas e estudiosos destes fenômenos, nem tudo é previsível. No caso da pandemia, por mais que cientistas já soubessem desta probabilidade, boa parte de nós não esperava por isso. Aliás, no imaginário brasileiro até há bem pouco tempo o Brasil era um país sem desastres. Só mais recentemente uma sucessão de ocorrências na região mais rica do país, a Sudeste, parece ter mudado um pouco essa percepção. Refiro-me principalmente aos constantes desastres disparados pelos fenômenos climáticos extremos como os deslizamentos (*que em 2011 mataram mais de 800 pessoas no Rio de Janeiro*) e os rompimentos das

Sobre o entrevistada

Márcia Franz Amaral é professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde leciona no curso de graduação em Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio pós-doutoral na Universitat Pompeu Fabra (Barcelona), é pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo. Estuda a cobertura jornalística de catástrofes e desastres desde 2011, sendo co-autora de obras como *Periodismo y desastres: múltiples miradas* e o recém-lançado *Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas*.

E-mail: marciafranz.amaral@gmail.com

Entre os seus principais trabalhos, estão:

AMARAL, Márcia Franz; LOOSE, Eloísa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (Orgs.). **Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19971/Minimanual.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

AMARAL, Márcia Franz; LOZANO ASCENCIO, Carlos (Orgs.). **Periodismo y desastres: múltiples miradas**. Barcelona: Editorial UAB, 2019.

LOZANO ASCENCIO, Carlos ; AMARAL, Márcia Franz. Coberturas informativas de la prevención y del acontecer de catástrofes a través de los “Manuales institucionales” dirigidos a los periodistas. **Estudios Rurales**, Buenos Aires, v. 8, n. 15, p. 06-17, 2018.

AMARAL, Márcia Franz; LOZANO ASCENCIO, Carlos. Periodismo Especializado en Desastres Medioambientales (PEDMed). In: PEÑA, Beatriz; LOPES, Javier. (Org.). **Periodismo Especializado**. Madrid: ACCI, 2017.

LOZANO ASCENCIO, Carlos; AMARAL, Márcia Franz. Comunicar riesgos en la sociedad de la incertidumbre. **In Texto**, Porto Alegre, n. 38, p. 21-40, jan./abr. 2017.

AMARAL, Márcia Franz; LOZANO ASCENCIO, Carlos. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 130, p. 243-258, dez. 2015/ mar. 2016.

barragens de rejeitos de mineração (*que em 2015 e 2019 mataram cerca de 300 pessoas em Minas Gerais*).

Quando o desastre ocorre, há um local e/ou um grupo de pessoas afetado gravemente que tem a experiência mais bruta da tragédia. As demais pessoas são vítimas virtuais, compartilham destas experiências por relatos e entre eles está a narrativa jornalística. O jornalismo cria uma rede explicativa para cada acontecimento destacando alguns aspectos e silenciando outros. Configura percepções sociais e culturais sobre os desastres. Nomeia, designa, dá contornos simbólicos e limites a um acontecimento, participa de maneira privilegiada da rede de conflitos que existe para nomear o que aconteceu. A narrativa jornalística, ao denominar um desastre, pode torná-lo mais ou menos grave, acionar ou não responsabilidades e explicações sobre eles ou, torná-lo mono ou multicausal ou ainda enquadrá-lo como problema sanitário, social, econômico ou ambiental. Um exemplo é o recorrente uso da expressão “desastre natural” que escamoteia as razões de algumas tragédias, dando a entender que foram causadas somente por um agente externo de difícil controle. Ao tornarem esses acontecimentos públicos já enquadram o desastre de uma maneira mais episódica ou contextualizada, enfatizando ou não algum aspecto em particular. Com o acesso que os jornalistas têm a diferentes fontes, muitas vezes seria possível mostrar outras formas de inteligibilidade destes acontecimentos.

A epidemia causada pelo novo coronavírus traz elementos novos por ser um desastre efetivamente global com impactos locais que atinge concretamente os indivíduos. É diferente, por exemplo, de uma crise climática em que o cidadão pode ou não se dar por conta do impacto dela em sua vida. Como qualquer desastre, a pandemia também é construída por palavras e a mídia é lugar privilegiado desta construção simbólica. Ela pode ser definida de acordo com as intenções de quem está narrando, pois se trata de um acontecimento multidimensional que agrega várias crises: ambientais, sanitárias, sociais, econômicas. E quando o jornalismo se utiliza de metáforas para se referir a ela, também propõe formas diferentes de lidarmos com este momento. Assim é quando tratamos da pandemia com metáforas de guerra que aciona ideias como obediência, inimigo comum e /ou externo, e não promovemos ideias de cuidado com o outro e de reflexão sobre nossos modos de vida. Somam-se então, as duas vidas do acontecimento como afirma Louis Quéré: o acontecimento em bruto, existencial, e o acontecimento simbólico que abre (ou não) diferentes campos problemáticos.

RADIOFONIAS – Em entrevista recente ao projeto **Objethos**, você afirma que “um dos grandes desafios da cobertura jornalística é compreender quando um desastre começa, quanto ele dura e quando ele termina”. Como você avalia a cobertura jornalística brasileira da pandemia até este momento, mais de sete meses após a

identificação dos primeiros casos e sem previsão para terminar?

Quando faço esta afirmação é no sentido de que um desastre nunca começa quando eclode. Ele sempre começa antes. Inúmeras pesquisas já alertavam para a possibilidade de uma pandemia e o jornalismo se ocupou muito pouco disso, assim como se ocupa pouco das questões climáticas e sociais que viabilizam esta e outras tragédias. Estes tipos de vírus sempre estiveram presentes nas florestas ou nos animais selvagens. Desta maneira, histórias como esta podiam ter começado a ser narradas com maior atenção ao desmatamento, ao tráfico de animais e com a perda de diversidade, por exemplo. Por que os cientistas e ambientalistas não têm espaço para contar esta história?

Quanto a sua duração, o jornalismo também vai participar da construção social da percepção do seu fim quando decidir normalizar o acontecimento e não mais cobrir seus desdobramentos. O jornalismo se apoiará em algum acontecimento no interior da pandemia para enfraquecê-la como, por exemplo, a implementação da vacina, o amadurecimento do tratamento médico, a naturalização do número de mortos, a saturação psicológica das pessoas ou a crise econômica. Ou ainda, com o surgimento de outro acontecimento de impacto. Até porque a mídia em sua lógica comercial se move pelos cliques e pela audiência e

as pessoas estão exaustas com a temática da pandemia.

RADIOFONIAS – Diante de uma catástrofe ou de um desastre, o jornalismo desempenha papel fundamental no processo de reordenação social, servindo como referência aos cidadãos ao explicar o acontecimento extremo e, principalmente, ao orientar a sociedade sobre o que deve ser feito dali para frente. Considerando que a prestação de serviços e a veiculação de informações de utilidade pública são marcas históricas do rádio-jornalismo como você percebe o papel do rádio neste contexto?

Pesquisas mostram que temos desertos de informação jornalística local no país e o rádio é o veículo mais presente. Há muitas histórias sobre o papel central do rádio no durante os desastres quando, por exemplo, já não há mais energia e o velho rádio a pilha ainda salva vidas ou orienta a população. Mas precisamos de um jornalismo radiofônico que também esquadrinhe permanentemente os riscos de cada região e as possíveis soluções para mitigar os desastres. Assim o papel do rádio passa por uma ampliação e qualificação dos espaços tanto dos espaços jornalísticos mais factuais, quanto dos programas de comentário ou de entretenimento. Como ouvinte de rádio, me incomoda muito nas rádios locais aqueles programas de debate ou de entretenimento em que ninguém se responsabiliza pela informação dada como se isso fosse papel apenas do noticiário.

E, na verdade, estes comunicadores são grandes influenciadores e precisam se comprometer socialmente também com o agendamento dos problemas locais de maneira um pouco mais profunda.

A proximidade do rádio com a sua comunidade, por sua vez, tem um bônus e um ônus, pois parte das soluções dos problemas passa pela dimensão local. Conhecer as singularidades do local facilita produção de conhecimento. E essa simbiose entre jornalistas e os atores sociais locais proporciona a assimilação maior das informações por parte dos ouvintes. Entretanto, o fato de ser um veículo local faz com que ele esteja muito mais vulnerável à pressão dos políticos, dos empresários e dos anunciantes. Difícilmente a gente associa, por exemplo, um deslizamento de casas construídas em um local inadequado com a especulação imobiliária ou com o preço da passagem do transporte coletivo que impele as pessoas a morarem em terrenos com solos inadequados. Quando se aborda o tema dos desastres está se falando em planejamento urbano, em plano diretor da cidade, em serviços de água, esgoto, saúde e transporte. E estes temas se relacionam com questões muito delicadas que envolvem os poderes políticos e econômicos locais. Por isso, a diversidade de fontes é fundamental no jornalismo radiofônico para trazer para o palco das informações e das disputas também visões de experts, geólogos, ativistas, sociólogos e, sobretudo, dos afetados. Ter uma agenda fixa de debates sobre as vul-

nerabilidades locais e os eventos extremos que a comunidade costuma vivenciar é um dos caminhos.

RADIOFONIAS – Em suas pesquisas sobre a cobertura de desastres, você enfatiza a importância de o jornalismo ir além do relato do durante, considerando também o antes e o depois do acontecimento, ou seja, problematizando suas causas e consequências. No caso do rádio, cuja identidade se assenta numa lógica imediatista, este parece ser um desafio a mais. Como o jornalismo radiofônico pode equilibrar uma cobertura que dê conta da complexidade de um acontecimento catastrófico, sem abrir mão da instantaneidade que lhe é tão peculiar?

Sabemos que os modos de produção do discurso jornalístico são caracterizados, sobretudo, pela cobertura em tempo real. Babo Lança diz que o jornalismo vive ao ritmo do acontecimento. E no rádio, este fetiche da velocidade é ainda mais forte, conforma inclusive o tom da linguagem radiofônica. Assim, tanto o meio é permeado pela instantaneidade de seu relato, quanto a erupção de um desastre exige também essa pressa. Nesses casos, a apuração se dá por go-tejamento no mesmo ritmo do desenrolar do acontecimento.

A cobertura em tempo real é fundamental e pode salvar vidas, mas não é suficiente. Precisamos apostar em novos valores-notícia menos factuais que insiram na prática jornalística o hábito de fazer matérias que se projetem no passado ou no futuro, buscando causas de desastres ocorridos e divulgando so-

luções para que eles não mais ocorram e cobrindo, num grande eixo temporal, as consequências na vida dos afetados.

O jornalismo precisa estar em modo vigilante para compreender riscos possíveis antes que eles se efetivem e transcender o ápice do acontecimento desdobrando este dia do desastre para o passado e o futuro. Isso inclui, no “antes” do desastre, abordar possíveis ameaças e mapear vulnerabilidades ambientais, econômicas e sociais. E no “depois”, acompanhar por longo tempo a reconstrução, a redução destas mesmas vulnerabilidades e a construção de resiliência.

RADIOFONIAS – Os grupos de pesquisa Estudos de Jornalismo (CNPq), sob sua liderança, e Jornalismo Ambiental, vinculado à UFRGS, lançaram recentemente o “Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas”. Entre as recomendações expressas no documento, está a de que o jornalismo relacione as mudanças climáticas aos eventos extremos. No caso do jornalismo radiofônico, que tem a previsão do tempo como uma de suas principais pautas cotidianas, esta poderia ser uma estratégia relevante? De que outras formas o rádio poderia contribuir com o debate acerca das mudanças climáticas e sua relação com as catástrofes?

A previsão do tempo, como é noticiada, é algo apresentado como fora do alcance das pessoas, é quase uma sentença a que simplesmente nos submetemos. Evidentemente que não temos o poder imediato sobre o tempo. Ela tem sido usada como prestação de serviço que orienta os produtores rurais no seu

planejamento e avisa ao cidadão se ele deve se agasalhar ou pegar o guarda-chuva. Talvez esta informação possa servir também como gancho para ser articulada com agendas locais e com estratégias de enfrentamento de fenômenos climáticos extremos.

Para isso ocorrer, tanto o jornalista precisa se especializar um pouco, quanto o cientista precisa aprender a ser mais didático. Assim, é preciso aproveitar os conhecimentos dos meteorologistas para abordarmos também a crise climática e mostrarmos o quanto ela é um problema de todos e que iniciativas deveriam ser tomadas para reduzi-la. Também seria recomendado convocar antropólogos, urbanistas e sociólogos para trazer este debate para o cotidiano.

RADIOFONIAS – Ao analisar a cobertura de catástrofes em revistas brasileiras, você afirma que os esquemas narrativos configurados pelo jornalismo nestes períodos de crise podem se tornar perenes – ou pelo menos estender-se por certo tempo – contribuindo para uma atuação da mídia mais atenta a questões climáticas e ambientais, assim como para as desigualdades e vulnerabilidades sociais. O que podemos esperar do jornalismo no período pós-pandemia?

Creio que há alguns bons momentos no jornalismo durante a pandemia em que o campo jornalístico conquistou um pouco mais de credibilidade, buscou mais fontes especializadas e ampliou um pouco o enfoque de algumas pautas. Entretanto, com o isolamento dos repórteres, houve um empobrecimento pro-

gressivo da cobertura. Muitos veículos de comunicação fecharam e houve demissões de muitos profissionais.

Embora eu seja uma defensora do papel e da potência do jornalismo, não vejo perspectivas imediatas de mudança enquanto o trabalho estiver precarizado como já estava desde muito antes da pandemia. No plano ideal, a experiência com este acontecimento deveria provocar uma maior especialização na cobertura de temas importantes assim como maior popularização de pautas científicas e a conscientização sobre as questões ambientais e desigualdades sociais que tanto atravessam o tema. Há algumas iniciativas interessantes de jornalismo feito para e pelas comunidades, mas pelo menos na grande imprensa não há nada que nos aponte para uma mudança efetiva.

Há algumas crenças na cultura jornalística que precisam modificar como, por exemplo, a ideia de simetria de fontes: um debate importante para não igualarmos o espaço concedido a fontes especializadas com fontes negacionistas. Me parece que na cultura jornalística hegemônica persiste a ideia de que o jornalista simplesmente cobre o que acontece e o jornalismo é, portanto, refém dos chamados “fatos”. Quando os jornalistas tiverem consciência de que ajudam a construir os eventos que narram, haverá uma liberdade e uma responsabilidade maior para se deslocar da cobertura factual e propor uma narrativa mais rica. ■

Sobre a entrevistadora

Mirian Redin de Quadros

mirian.quadros@ufsm.br

<https://orcid.org/0000-0002-7254-9065>

Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. É doutora e mestra em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM e bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Pesquisadora vinculada aos grupos de pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor) e Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas. Estuda narrativas jornalísticas, radiojornalismo, interação e podcasting.

>> Como citar este texto:

QUADROS, Mirian Redin. Márcia Franz Amaral: “Um desastre nunca começa quando eclode”. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 02, p. 206-212, mai./ago. 2020.